



RESENHA

PROMETEU TROPICAL: ÁLVARO VIEIRA PINTO, CIÊNCIA E EXISTÊNCIA

LUIZ CARLOS MONTANS BRAGA¹

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: editora Contraponto, 2020 [528 páginas].

Álvaro Vieira Pinto² nasceu póstumo, tal como Espinosa e Nietzsche. Sofreu, eis uma hipótese, um injusto “assassinato de reputação” intelectual. Admirado por pensadores da estatura de Gérard Lebrun, da USP, que dele muito divergiu (LEBRUN, 2005, pp. 165-200)³, não obstante foi defenestrado por boa parte da academia. Ou, como dizem alguns estudiosos da obra, foi enterrado vivo em seu próprio país.

Mesmo com este apagamento, sua obra, reeditada e reestudada nos últimos anos, revela um pensador originalíssimo. Talvez mais: fundamental. Especialmente a nós, situados na periferia do capitalismo, em um país subdesenvolvido.

Soma-se à fortuna crítica parcial (no duplo sentido do termo) acerca das obras publicadas aquela que existe em quantidade ainda tímida sobre o seu - talvez - mais original livro, a saber, *O conceito de tecnologia* (VIEIRA PINTO, 2005). Fortuna crítica aquém do esperado dado o fôlego da obra⁴, neste caso também porque o livro veio à luz apenas em 2005, já muitos anos depois do falecimento do filósofo (1987). Graças a um manuscrito datilografado pela esposa de Vieira Pinto, revisado pelo autor, que passou de mão em mão e chegou ao editor da Contraponto, César Benjamin, tivemos acesso a esse ensaio de um dos mais sofisticados autores do pensamento nacional e universal. Tese original, pensada a partir dos problemas dos

¹ Professor de Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e mestre em Direito pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: lcmbraga@uefs.br.

² Para um panorama muito bem construído sobre a vida e a obra de Álvaro Vieira Pinto, consultar: GONZATTO e MERKLE, 2016, pp. 286-310.

³ Neste ensaio Lebrun critica, respeitosamente, as teses de Vieira Pinto presentes em *Consciência e realidade nacional*.

⁴ Nos últimos anos esta obra de Vieira Pinto tem sido mais estudada pelos comentadores, o que se verifica pela publicação de ensaios de qualidade. Algo muito aquém em quantidade, entretanto, do que se esperaria de uma obra desta envergadura, especialmente na área de origem de Vieira Pinto, a filosofia. Ver, como exemplos de ensaios sobre a obra na área da filosofia, os seguintes textos: CARVALHO, 2017, pp. 21-30. Igualmente, articulando esta obra a outras de Vieira Pinto, ver: CARVALHO, 2020, pp. 303-322.

países subdesenvolvidos, costura argumentos ousados e muito lúcidos. E, não podemos deixar de dizer, corajosos. Por exemplo, destrona Heidegger de seu pedestal hermenêutico e o acusa de obscurantismo conceitual. Esses excertos do livro já valeriam a leitura não pelo fato de Vieira Pinto simplesmente discordar das teses de Heidegger, mas por o fazer com finíssima argumentação e lucidez irretocáveis (VIEIRA PINTO, 2005, pp. 150-154).

Ao sugerir a nossa saída do senso comum filosófico, de uma prática colonizada de análise de textos, Álvaro Vieira Pinto, que dominava várias línguas (SAVIANI, 1993, pp. 09-27)⁵ e linhagens filosóficas, desponta por ter ousado usar seu vasto repertório a favor de teses muito originais, feitas a partir e para os países subdesenvolvidos, articulando conceitos como consciência crítica, nacionalismo, desenvolvimentismo e tecnologia, tudo isso a partir de um olhar filosófico, o que é absolutamente original em estudos dessa área realizados no Brasil.

Por outro lado, em viés estritamente acadêmico, seguindo o figurino francês, sua tese de doutorado sobre Platão, defendida na Sorbonne, teve como único problema constatado pela banca um acento errado em uma palavra grega. Tempos depois da defesa de cátedra no Brasil, na Universidade do Brasil, futura UFRJ, assume o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) e, com o golpe civil-militar de 64, sofre perseguição e assassinato de reputação. Aprisionaram o pensador em seu próprio país, como um Prometeu dos trópicos, logo após sua volta do exílio em 1968 - inicialmente cumprido na Iugoslávia, por um ano, e posteriormente no Chile. Algo lamentável do ponto de vista intelectual e político, pois se tratava de uma das mentes mais brilhantes e originais do Brasil, em área a nós algo exótica, flor no deserto, a filosofia.

Mal compreendido por figuras da altura intelectual do Padre Lima Vaz (VAZ, 1962, pp. 92-109), tem sido redescoberto no interior mesmo de sua vasta e densa obra, principalmente depois das publicações de 2005, acima referidas, e uma de 2008, que será indicada a seguir, o que é um alento ao campo das ideias em terras brasileiras.

Parabéns à editora Contraponto por mais este presente ao leitor brasileiro, a saber, a reedição de *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*, escrito originalmente no Chile, nos tempos do exílio do autor, em 1967 (VIEIRA PINTO, 2020, p. 09),

⁵ De acordo com entrevista feita em julho de 1981. Vieira Pinto, infere-se da entrevista [pp. 14-15], dominava grego, latim, inglês, francês, alemão, russo, espanhol, italiano, além de conhecer um pouco de sérvio-croata, que aprendeu em razão do exílio na Iugoslávia para ler os jornais do país. Somadas ao português, são 10 línguas. Segundo Merkle e Gonzatto, tendo como fonte livro de José Ernesto de Fáveri, seriam 12 línguas (GONZATTO e MERKLE, 2016, p. 309, nota 135).

e depois publicado no Brasil pela editora Paz e Terra, em 1969, e por esta mesma editora reeditado em 1979 e em 1985.

Uso a expressão *mais este presente* no parágrafo anterior por me referir ao lançamento, pela mesma editora, dos dois volumes de *O conceito de tecnologia*, em 2005, como já apontado, e à publicação, em 2008 - graças ao árduo trabalho de investigação e pesquisa do professor José Ernesto de Fáveri -, dos manuscritos de *A sociologia dos países subdesenvolvidos* (VIEIRA PINTO, 2008). Este último, igualmente, livro inescapável do filósofo brasileiro, o qual densifica e desdobra argumentos presentes em artigo publicado em 1963, intitulado *Indicações metodológicas para a definição do subdesenvolvimento* (VIEIRA PINTO, 1963).

O livro *Ciência e existência* apresenta as teses de Vieira Pinto sobre os problemas filosóficos da pesquisa científica. Analisa, igualmente, seus fundamentos necessariamente ético-políticos e históricos. Tudo isso, sempre, sob o foco da luz ultra branca da filosofia. Mais uma vez o autor nos surpreende com sua formação múltipla, que passou pela medicina, física, matemática e veio a se fixar na filosofia.

Do ponto de vista da estrutura, *Ciência e existência* é longo - 528 páginas - e dividido em 22 capítulos. Não tratarei do tema de cada capítulo, mas chamarei a atenção para alguns pontos-chave presentes nesta divisão. O capítulo I é um desses pontos, na medida em que estabelece as principais intenções e teses do livro. O título já indica a tese do fundamento filosófico e da importância das teorias filosóficas para o estabelecimento da natureza da pesquisa científica e de seus problemas. Com efeito, este capítulo se intitula *A necessidade da compreensão filosófica da pesquisa científica*. Nos excertos citados abaixo, essas questões referidas no título do capítulo I são apresentadas com mais pormenores. Deve chamar a atenção do leitor a tese presente no título do capítulo V, a saber, *A historicidade da razão e a origem do conhecimento metódico*. A seguir, no capítulo VI, Vieira Pinto propõe uma *Teoria da cultura*. Todos estes temas presentes em um livro sobre pesquisa científica, eis o ponto importante. No capítulo XII, após tratar de questões de lógica formal e lógica dialética, entre outras, Vieira Pinto propõe discutir *Os condicionamentos materiais, culturais e sociais do trabalho científico*. Assim, a tese da ciência neutra e desvinculada do terreno de onde surgiu é novamente posta em xeque. Para arrematar o caráter social, ético, histórico e político da prática científica, Álvaro Vieira Pinto ainda dedica alguns capítulos a estas questões de fundo tão determinantes da pesquisa científica. No capítulo XVI, por exemplo, trata do tema *A consciência, a alienação do trabalho e o método científico*. No capítulo XXI, tematiza os

Fundamentos sociais da consciência do pesquisador para, ao final do livro, no capítulo XXII, tratar *A ciência como processo histórico de domínio da natureza pelo homem*. Aqui Vieira Pinto aborda, por meio de seus refinados argumentos filosóficos, a tese já presente em Descartes, a saber, dos homens como “senhores e possuidores da natureza” (DESCARTES, 1996, p. 116). Porém, dado o materialismo de Vieira Pinto e os fundamentos histórico-sociais de seu sistema filosófico, as conclusões serão diversas das cartesianas.

Algumas passagens da obra dão o quilate da filosofia de Vieira Pinto:

Uma filosofia da pesquisa científica, que incorporará naturalmente toda a reflexão sobre a metodologia da investigação, a lógica do raciocínio científico e a sociologia da ciência, é o pressuposto indispensável à formação da consciência do trabalhador neste campo da cultura, tão indispensável quanto os conhecimentos particulares técnicos de que deve estar munido para empreender sua atividade. A reivindicação desta exigência de formação teórica do pesquisador é a primeira, e talvez a mais importante tese que desejamos defender nestas páginas. A satisfação dessa exigência, claro está, só pode ser atendida por uma séria, cuidadosa e profunda, embora condensada, preparação filosófica daqueles que se dedicam à carreira da pesquisa, especialmente os contingentes jovens que mal estão despertando para a verdade do trabalho a que pretendem generosamente dedicar sua existência. (VIEIRA PINTO, 2020, p. 16)

No mesmo sentido: “A teoria não está ausente na obra dos pesquisadores, que aparentemente se despreocupam destas discussões chamadas ‘especulativas’; o que está ausente é a consciência dela.” (VIEIRA PINTO, 2020, p. 20)

E para assinalar, de maneira ainda mais enfática, o fundamento histórico do conhecimento, incontornável até mesmo ao *cogito*, afirma o autor:

O fato do conhecimento, que tomamos por ponto de partida para a nossa reflexão teórica, é o fato histórico do conhecimento, na sua máxima amplitude, como manifestação concomitante ao desenvolvimento da escala da evolução biológica. O conhecimento existe desde que a organização da matéria começa a tomar o caráter que a diferenciará, enquanto sistema vivo, do restante da natureza, que permanecerá inerte. É um dado indisputável da ciência que a matéria existe e sempre existiu em estado de transformação permanente, que uma parte dela se diferencia num processo particular, que constitui a evolução biológica, geradora de todos os seres vivos. [...] Somente uma concepção metafísica, que isola o indivíduo do processo histórico, e o faz contemplar-se introspectivamente, pode propor o problema do conhecimento em termos da procura de um ponto de partida indubitável, que deva estar necessariamente situado no interior do espírito individual. [...] A inserção do “*cogito*”, na sua base histórica, desmascara a ingenuidade essencial que o afeta. Como filósofo, posso ignorar o processo histórico, e imaginar-me uma consciência original, primordial, que se propõe “fundar” o conhecimento, segundo desejaram Descartes ou Husserl; mas o processo histórico não me ignora; tanto assim é que a ele devo a formação cultural que me induz, nesse sentido a título de instrumento do processo objetivo, a propor a mim mesmo questões desta espécie, por motivos que me parecem absolutos, originais, decorrentes espontânea e incondicionalmente da minha subjetividade, mas que têm na

verdade explicação nas circunstâncias momentâneas e locais pelas quais está passando o processo da realidade social a que pertencem. (VIEIRA PINTO, 2020, pp. 25-27)

E arremata o filósofo:

A consciência tem, desde o seu aparecimento, e por necessidade do seu processo constitutivo, a dimensão social.

O indivíduo cria a própria consciência no âmbito de uma consciência social que o envolve, o antecede, o condiciona. [...] Em todas as etapas superiores, o animal apreende o mundo em que se encontra segundo formas e modos que se vão desenvolvendo progressivamente, sempre no sentido do aparecimento e aperfeiçoamento de mecanismos de colaboração entre os membros da espécie para o fim de conquistar melhor percepção da realidade que lhes é acessível conhecer, dado o grau de organização biológica, e particularmente do sistema nervoso, que possuem. [...] Em todas as espécies, e na acepção mais lata em que o podemos enquadrar, o conhecimento é o reflexo da realidade adquirido pela capacidade perceptiva que o ser vivo, segundo sua possibilidade de organização vital, está habilitado a fazer dessa realidade. (VIEIRA PINTO, 2020, pp. 28-29)

Não é preciso muito esforço cognitivo, nem muitas citações mais, para perceber tanto a altura intelectual de Vieira Pinto, quanto a capacidade do autor de se fazer claro sem perder qualquer grau de densidade filosófica que a matéria sobre a qual se debruça demanda.

Por fim, uma passagem da vida do autor que diz muito sobre dois pontos diversos. Primeiro, por um lado, o enorme respeito de ao menos um intelectual uspiano por Vieira Pinto, não obstante as discordâncias explicitadas em resenha publicada - refiro-me a Gérard Lebrun (2005, pp. 165-200)⁶. Segundo, por outro lado, o incômodo que a autonomia intelectual e a originalidade filosófica de Vieira Pinto provocavam em alguns intelectuais da mesma USP. O fato é narrado em livro de José Ernesto de Fáveri, *O legado de Álvaro Vieira Pinto na voz de seus contemporâneos*, no momento em que entrevista Jorge Roux, que estudou filosofia na USP, foi professor desta disciplina em diversas escolas e universidades e que frequentou o apartamento de Vieira Pinto no período em que este último estava exilado no próprio país.

Afirma Jorge Roux a Fáveri, na entrevista:

Fáveri: Contra quais ideias, posições políticas, a postura do autor se manteve mais forte?

Roux: A dominação externa pelo imperialismo. Todos os autores que tivessem dimensão filosófica, ele acolhia, estudava, debatia. Não dava importância ao jornalismo filosófico, isto é, escrever filosofia nos jornais, a não ser que fosse um autor de envergadura, por bem ou por mal, como era o pessoal do ISEB e o pessoal

⁶ Como já indicado no início desta resenha, trata-se do ensaio em que Lebrun critica, respeitosamente, as teses de Vieira Pinto presentes em *Consciência e realidade nacional*.

da USP. O professor José Artur Giannotti, professor de Filosofia e Lógica na USP, ficou com Vieira Pinto e seu nacionalismo "engasgado". Na época, como eu conhecia os membros do diretório acadêmico daquela universidade, logo após a palestra de Vieira Pinto, o professor José Artur Giannotti se aproximou e me falou: "Olha! Fale com o pessoal do diretório que eu também quero fazer uma palestra!". Claro que ele era um professor de prestígio na época e o diretório arrumou uma data para que ele pudesse, também, dar a sua palestra. Naturalmente um pouco ressentido com a audiência que teve Vieira Pinto, e como ele era um professor prestigiado dentro da USP, inclusive pelo professor Gérard Lebrun. Enfim, Giannotti proferiu sua palestra e foi também muito prestigiado. Era um intelectual respeitado e suas divergências com Álvaro eram por conta da sua obscuridade na forma de pensar, ou seja, para dizer as coisas não era transparente. Seu pensamento não chegava ao público, e quando chegava era um público restrito.

Fáveri: Porque o professor Giannotti tinha ressalvas ao pensamento do Vieira Pinto?
Roux: Porque Vieira Pinto propunha uma ortodoxia nacionalista em termos de solução dos problemas nacionais e a grande parte dos professores da USP eram formados na França, de uma dimensão universal, que não se prendia demais às fronteiras do nacionalismo. Aí não era só Giannotti, mas fazia parte, também, João Cruz Costa, Bento Prado Junior, Michel Debrun, Gérard Lebrun, Denis Luz e Marcelo Dascau (aluno de Giannotti), eles eram considerados instrumentos para nos defender no sentido de não sermos vítima da xenofobia do nacionalismo tradicionalista. Claro que Vieira Pinto, ao fazer a palestra na USP, e foi brilhante, não no sentido demagógico e discursivo, mas porque sabia muito, Gérard Lebrun, que nunca interrompia uma aula por nada desse mundo, naquele dia em que Vieira Pinto proferiu a palestra, o ilustre professor Gérard, que escreveu um artigo contra o livro *Consciência e realidade nacional*, criticando e fazendo ressalvas a Vieira Pinto, interrompe a sua aula e pede para que os alunos assistam à palestra de Vieira Pinto. Esta atitude de Lebrun afetou Giannotti, sentiu-se desprestigiado, porque também tinha grande admiração pelo professor Gérard Lebrun e, também, pediu para o departamento proferir uma palestra, o que veio a acontecer semanas depois. (FÁVERI, 2015, posição aproximada 2393-2415)

A resposta de Roux dá a dimensão da importância de Vieira Pinto para o pensamento filosófico nacional. Aponta, por outro lado, para razões de disputa de poder no campo intelectual, as quais impediram uma justa e mais ampla recepção, pela academia, do pensamento de Vieira Pinto.

É desejável, assim, que venham mais edições como esta, muito bem cuidada, dos livros do nosso talvez mais ousado, erudito, importante e sofisticado filósofo. E, igualmente, podemos agir, no campo acadêmico, para que Álvaro Vieira Pinto tenha, ainda que tardiamente, a recepção crítica que sua obra filosófica de fôlego merece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, J.D. Tecnologia, política e filosofia em Álvaro Vieira Pinto. *Pensando – Revista de Filosofia*. Vol. 8, n.15, 2017, pp. 21-30. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/issue/view/249>. Acesso em 27 JUL 2020 [2017].
- CARVALHO, J.D. O Brasil como problema. Parte um: a filosofia da técnica. In: OLIVEIRA, J. *Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas*. Caxias do Sul: Educs, 2020, pp. 303-322 [2020].
- DESCARTES. *Discurso do Método* [Sexta Parte]. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior (Coleção *Os Pensadores*). São Paulo: ed. Nova Cultural, 1996.
- FÁVERI, J. E. de (org.). *O legado de Álvaro Vieira Pinto na voz de seus contemporâneos*. São Paulo: ed. LiberArs, 2015.
- GONZATTO, R. F.; MERKLE, L. E. Vida e obra de Álvaro Vieira Pinto: um levantamento biobibliográfico. *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas: n.69, Set-2016, pp. 286-310 [2016].
- LEBRUN, G. A “Realidade Nacional” e seus equívocos. In: NAVARRO DE TOLEDO, C. *Intelectuais e política no Brasil. A experiência do ISEB*. Rio de Janeiro: Revan, 2005, pp. 165-200 [2005].
- SAVIANI, D. Introdução e Entrevista concedida por Álvaro Vieira Pinto. In: VIEIRA PINTO, A. *Sete lições sobre educação de adultos*. 8ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1993, pp. 09-27 [1993].
- VAZ, H. C. de L. Consciência e realidade nacional. *Síntese - Revista de Filosofia*. Belo Horizonte: Vol. 4, n. 14, 1962, pp. 92-109. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/3186>. Acesso em 03 OUT 2020 [1962].
- VIEIRA PINTO, A. Indicações metodológicas para a definição do subdesenvolvimento. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Belo Horizonte: Vol. III, n. 2, jul-1963, pp. 252-279 [1963].
- VIEIRA PINTO, A. *O Conceito de Tecnologia (Vols. I e II)*. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2005.
- VIEIRA PINTO, A. *A sociologia dos países subdesenvolvidos: introdução metodológica ou prática metodicamente desenvolvida da ocultação dos fundamentos sociais do “vale de lágrimas”*. Org.: FÁVERI, J. E. de. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2008.
- VIEIRA PINTO, A. *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2020.